

Os estudos de língua e literatura brasileiras no contexto dos estudos portugueses e latino-americanos na Alemanha¹

Ligia Chiappini*

RESUMO: Situação atual dos estudos de língua, literatura e cultura brasileiras na Alemanha, descrita a partir da experiência única da cátedra de Brasilianística que a autora ocupou por quase quinze anos na Universidade Livre de Berlim. A interrupção dessa experiência, a partir de 2010, confirmaria uma tradicional contradição na Alemanha entre um grande interesse pelo Brasil e um quase desinteresse por sua literatura.

PALAVRAS-CHAVE: *ensino e pesquisa, literatura brasileira, língua portuguesa, reforma curricular, encerramento cátedra.*

ABSTRACT: The current status of the studies of Brazilian language, literature and culture in Germany is described by the author who occupied the only Chair in Brazilianistik ever created in Germany for almost fifteen years at the Freie University of Berlin. The interruption of this experience in October 2010, do confirm a traditional contradiction in Germany between a great interest in Brazil and almost no interest in its literature.

KEYWORDS: *teaching and research, Brazilian literature, Portuguese language, curriculum reform, closure chair*

¹ Em memória de Marlyse Meyer.

* Professora catedrática de Literatura e Cultura Brasileiras do Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, entre 1997 e 2010. Atualmente trabalhando na orientação de teses no mesmo Instituto, bem como na pesquisa, junto ao Centro de Pesquisas Brasileiras, do qual é co-fundadora.

A literatura proveniente da América Latina tem direito a ser considerada no mesmo nível que outras literaturas, não deveria ser lida somente como veículo de informações sobre o país. Não é preciso acentuar que uma obra literária transmite muitos elementos procedentes de outra cultura na ficção e desperta para outras formas de viver e de pensar. Porém os preconceitos ou, digamos, os clichês, que influenciam o diálogo entre o autor traduzido e o

seu leitor estrangeiro, são, ao que parece, difíceis de desaparecer na mente das pessoas.

(Ray-Güde Martin)

Nos meios cultos da Alemanha, a língua portuguesa fica quase tão desconhecida como o pérsico ou o sânscrito.

(Johann Jacob von Tschudi)

O objetivo deste texto é resumir um pouco o percurso e a situação atual dos estudos de língua, literatura e cultura brasileiras e de suas diferentes modalidades na Alemanha, principalmente em Berlim, que conheço melhor, propondo para nossa reflexão alguns problemas que pude identificar em quase quinze anos de trabalho na Universidade Livre de Berlim, como a primeira, única e, até segunda ordem, última professora de *Brasilianística* da Alemanha. Esta ironia se esclarecerá no decorrer deste texto, que atualiza informações já divulgadas em algumas publicações anteriores.²

Brasilianistik, em alemão, significa Literatura Brasileira ou Filologia Brasileira, por analogia a outras áreas desses estudos, tais como a *Germanistik*, a *Hispanistik*, a *Anglizistik*, de mais longa tradição acadêmica. Na Universidade Livre de Berlim, ela se localizou na confluência do Departamento de Romanística com o Instituto de Estudos Latino-Americanos. E, nesse contexto, adotou o tratamento da literatura como manifestação cultural, abrindo-se a outras linguagens, do cinema, da televisão, da música popular, das artes plásticas, da poesia e narrativa orais. Para além da filologia mas com a filologia, pois esta não deve ser confundida com o estudo meramente formal dos textos em si mesmos, pelo menos na terra de Spitzer, Auerbach, Adorno e Benjamin, para citar apenas alguns dos grandes estudiosos de língua alemã que trataram dos textos em seus contextos e dos contextos nos textos.

Mas o que parece simples no enunciado acima é, na verdade, muito complicado, pois a literatura brasileira

² Por exemplo, no texto "Literatura e cultura no contexto dos estudos brasileiros na Alemanha: a cátedra de *Brasilianística*" (Chiappini, 2005)

ainda enfrenta dificuldades para ser reconhecida em sua autonomia (mesmo que relativa, como a de toda literatura), tensionada entre os Estudos de Literatura e Cultura Latino-Americanos – hoje identificados com os Estudos Culturais Norte-Americanos – e a Lusitanística, como parte da Romanística. Entre aqueles e estas, ela perde espaço e visibilidade, mesmo em contextos nos quais se impôs como necessária, depois de uma longa luta pela institucionalização da disciplina, caso do nosso Instituto.

Em palestra realizada no primeiro simpósio internacional promovido pela Brazilianística, “Brasil: país do passado?”, que se publicou posteriormente em livro com o mesmo título, Dietrich Briesemeister (2000) faz um balanço dessa luta, do início do século XIX ao final da década de 90 do século XX, que ajuda a entender a situação presente. Começa constatando nesse percurso um permanente desequilíbrio na visão do Brasil pelos estudiosos na Alemanha. Por um lado, seria esse País Tropical um paraíso para geólogos, botânicos, sociólogos, geógrafos, etnólogos, que sempre por ele se interessaram, sobre ele pesquisaram e escreveram. Por outro lado, e paralelamente, haveria um semidesconhecimento cultural e, mesmo, uma ignorância quanto à “participação individual do Brasil na cultura universal”, vigorando “enfoques valorativos eurocêntricos e critérios preconceituosos” (Briesemeister, 2000, p. 349).³ Ainda segundo Briesemeister:

Os estudos brasileiros, no caso da literatura, sempre foi um apêndice de Portugal, nos departamentos de Romanística das Universidades, ou dos estudos hispanoamericanos, nos departamentos ou institutos latino-americanos. E aí também a situação piora dia a dia, com o português fazendo parte de uma estrutura que privilegia o espanhol (2000, p. 349).

O desconhecimento e o desinteresse não se manifestariam apenas na ausência ou invisibilidade da literatura, mas também na ignorância da dimensão que a própria língua portuguesa tem no mundo, sendo ela frequentemente

³ Critérios e preconceitos que, aliás, tornaram a vigorar, por parte dos que nunca quiseram a cátedra de Brazilianística na Universidade Livre de Berlim e retardaram ao máximo a sua criação, processo que durou de 1988 a 1995, e por parte dos que provocaram, apoiaram ou facilmente aceitaram a sua extinção quinze anos depois.

comparada ao sânscrito e ao romeno, como línguas mais ou menos exóticas e minoritárias:

Não obstante o número muito elevado e ainda o aumento da população mundial dos países lusófonos em quatro continentes (...), o ensino torna-se imperdoavelmente reduzido nas universidades alemãs. O português entra em competição com o espanhol como “terceira língua”, ficando atrás em relação ao número de alunos (Briesemeister, 2000, p. 350-351).

Briesemeister reconhece algumas raras exceções a essa tendência ainda no século XIX, como a posição do austríaco Ferdinand Wolf, autor de *Le Brésil Littéraire*, publicado em 1863. Lamenta que esse exemplo não tenha sido seguido como merecia e acusa mesmo um possível retrocesso:

desde aquela obra singular de Wolf, não se fez muito nos países de língua alemã a favor da pesquisa, da valorização e da divulgação da literatura brasileira. Pelo contrário, constata-se até uma tendência regressiva em comparação com o posicionamento avançado do erudito austríaco (Briesemeister, 2000, p. 351).

A regra continuaria sendo o predomínio do interesse econômico, deixando as manifestações culturais sempre em segundo plano, como no contraexemplo do livro de Wilhelm Giese, *O Brasil e a Alemanha: 1822-1922*, em que a literatura é a grande ausente. Isso revelaria um grande desconhecimento tanto da dimensão quanto da qualidade desta. O mesmo fenômeno nota Briesemeister nos livros sobre literaturas latino-americanas, a maior parte dos quais, até há pouco tempo, deixava de fora o Brasil:

(O) Brasil continuou ausente das obras que tratavam da América Latina e, principalmente, de sua literatura, como no livro de Max Leopold Wagner, *Die Spanisch-amerikanische Literatur in Ihren Hautströmungen*, de 1924 (Briesemeister, 2000, p. 351).

Ainda nos anos 60 do século XX, falava-se freqüentemente em América Latina, mas quase sempre com referência exclusiva à América espanhola. Por exemplo, o livro de Michi Strausfeld, *Materialien zur lateinamerikanischen Literatur* (1976), só contém artigos dedicados a autores de língua espanhola (Briesemeister, 2000, p. 351-352).

Defendendo a necessidade dos estudos regionais e, ao mesmo tempo, a diversificação interdisciplinar, o mesmo autor resume “o largo caminho da institucionalização” (Briesemeister, 2000, p. 351) dos estudos portugueses e brasileiros na Alemanha, pontuando, em 1912, a fundação do primeiro Instituto Latino-Americano da Alemanha, em Aachen, pelo cônsul Heirich Schüler. Ainda antes da segunda guerra, a criação de três institutos que continuaram existindo depois dela: o Instituto de Pesquisas sobre Ibero-América da Universidade de Hamburgo, o Instituto Ibero-Americano do Patrimônio Cultural Prussiano, em Berlim, o Instituto Português e Brasileiro da Universidade de Colônia. Destaca também novos centros, como o Instituto de Cultura Brasileira, dos Frades Franciscanos, em Mettingen, o Instituto Geográfico da Universidade de Tübingen, o Centro Latino-Americano de Münster e, finalmente, o Instituto Latino-Americano, da Universidade Livre de Berlim, como primeiro centro de estudos interdisciplinares sobre América Latina numa universidade alemã, que só 25 anos depois de criado, ou seja, a partir de 1995, foi “dotado de uma cátedra (única no país) de literatura e cultura brasileiras.” (Briesemeister, 2000, p. 353)

Essa foi realmente uma conquista significativa. Criada em 1989 e somente em 1997, depois de muitos prós e contras, ocupada pela autora deste texto, a cátedra mal completara um ano quando organizamos o simpósio internacional, no qual foi proferida essa conferência de Briesemeister, bem como a de Ray Güde-Mertin, da qual tiramos a epígrafe acima.

Considerando as lacunas apontadas por esses e outros estudiosos, a Brazilianística no LAI dedicou-se sobretudo ao estudo sistemático e à divulgação dos textos mais significativos da Literatura Brasileira, embora ela tenha trabalhado também com textos não canônicos e com textos que só podem ser considerados literários em sentido amplo, tais como filmes, novelas de televisão, mitos, poesia oral, entre outros.⁴ Mas isso não significou tratar os textos isoladamente, havendo um esforço permanente para relacioná-los com seus contextos, implicando um diálogo constante da crítica, da teoria e da história literárias com a linguística, a economia, a história e as ciências sociais, numa predisposição e abertura para a inter/pluri/transdisciplinaridade.

Por outro lado, a proposta sempre foi trabalhar com o Brasil sem deixar de levar em consideração a sua integração no mundo, a começar por tudo o que o une à América Latina, sem desconhecer suas especificidades linguísticas e históricas; essa foi sempre a direção buscada.

A Brazilianística concebeu-se, assim, tanto como parte de uma hipotética *Weltliteraturwissenschaft* quanto da Romanística, da Lusitanística, da Literatura Comparada, dos estudos de teatro, artes e comunicações, bem como da Latino-americanística e em diálogo estreito com a Caribí-tica, mas tudo isso sem esquecer sua base nos estudos de literatura brasileira, que já constituem mais de dois séculos de um saber acumulado, o qual não podemos esquecer, como quem inventa a roda, a cada nova tendência teórica produzida nos centros universitários hegemônicos da Europa e Estados Unidos da América do Norte.

A Brazilianística concebeu-se, ainda, como “Altos e baixos estudos”⁵ de literatura e cultura e não como *Cultural Studies*, porque estes muitas vezes tendem a confinar o estudo dos textos e a própria literatura nos países considerados periféricos a um conjunto de informações superficiais e até mesmo estereotipadas das produções culturais, permitindo-se juntar num único seminário, de modo indiscriminado, arbitrário e puramente folclórico,

⁴ Para tanto, contou com uma ótima base linguística dos estudantes, que aprenderam português brasileiro com Berthold Zilly e outros excelentes mestres, encarregados de cursos de língua, entre os quais, Zinka Ziebell, hoje também leitora na FU, Carlos Azevedo e Carlos Ladeira, ambos parcialmente financiados com auxílio do governo brasileiro.

⁵ O termo se deve a Marlyse Meyer, que, já nos anos 1970, valorizava com saudável distanciamento irônico os estudos culturais para além dos cânones literários, dedicando-se, entre outros, aos estudos sobre cordel e folhetim, muito antes de os Cultural Studies se terem transformado em moda na América Latina.

⁶ Como defendeu um colega norte-americano no jornal da Brazilian Studies Association (Brasa), associação de brasilianistas dos Estados Unidos. O jornal chama-se Fagulha e no número de 1997 estampou esse programa como alternativa aos programas tradicionais de literatura e cultura brasileira..

aulas sobre descobrimentos, escravidão, Guimarães Rosa, música popular brasileira e jeitinho brasileiro.⁶

Finalmente, a Brazilianística sempre defendeu o espaço e a possibilidade de os escritores brasileiros escreverem e publicarem literatura, como em qualquer parte do mundo, entendendo que negar essa possibilidade em nome da democracia, como abertura para o não canônico, seria um efeito perverso da atitude libertária, mesmo que bem intencionada.

Como já foi dito, com esse cargo de titular para a Brazilianística criou-se a possibilidade de os estudos brasileiros escaparem à situação de apêndice dos estudos portugueses ou hispano-americanos. Para entender a importância disso – sobretudo porque no Brasil poucos percebem a diferença entre as condições de trabalho de um professor e de um assistente ou de um leitor, para não falar dos professores horistas ou encarregados de cursos –, é preciso saber que na Alemanha, onde a hierarquia universitária se mantém de modo muito rígido e conservador, um cargo de professor implica um espaço próprio e possibilidades bem maiores de fazer coisas que, aparentemente, todo docente universitário com doutorado poderia fazer, como permite o sistema brasileiro: desde orientar teses de doutoramento até coordenar projetos, promover eventos, assinar convênios e gerenciá-los. Isso tudo, mais o contrato permanente de trabalho, possibilita uma continuidade de produção teórica e prática no ensino e na pesquisa, tão importante na formação das novas gerações. No caso da Brazilianística, permitiu conquistar um espaço autônomo para os estudos de literatura e cultura, impedindo que se dissolvessem conteudística- e redutoramente nas ciências sociais, embora vinculando-se estreitamente a elas, pois a literatura sempre foi estudada aí como parte da cultura e esta, como social e histórica. Por outro lado, o aprofundamento da pesquisa e do ensino específicos da literatura e da cultura brasileiras preservou, e mesmo intensificou, o intercâmbio interdisciplinar com os estudos hispano-americanos de literatura e cultura.

É importante assinalar que o Instituto Latino-Americano, apesar de suas contradições, ou mesmo por causa delas, parece ser o lugar institucional ideal para uma disciplina desse tipo, pois permite não apenas aprofundar a interdisciplinaridade mas também desenvolver atividades que levem a superar culturalmente o tratado de Tordesilhas, concorrendo para a integração da América Latina. Entretanto, como vimos, a *Braslianística* começou a funcionar já num momento extremamente desfavorável, um ano antes do balanço pessimista mas realista de Briesemeister, quando a Universidade começava a ser pressionada para ajustar-se às reformas neoliberais, ajuste esse que o autor antecipou e que logo iríamos começar a viver de modo vertiginoso, com a introdução das reformas curriculares nas universidades alemãs e europeias, no sentido acordado em Bolonha: generalização dos cursos de *Bachelor* e *Master* e substituição dos cursos tradicionais de graduação. O experiente professor e pesquisador já pressentia nessa reforma novos entraves para os poucos progressos feitos na institucionalização dos estudos de língua e literatura brasileira, e mesmo portuguesa, na Alemanha, como a então recente criação da *Braslianística*. Tais entraves iriam reforçar, segundo ele, aqueles identificados no passado, o que o levava a sugerir um tanto profeticamente que tudo tenderia a piorar:

O que impede quase insuperavelmente a independentização dos estudos brasileiros nas condições precárias do momento atual são as estruturas administrativas organizatórias da universidade alemã, tanto na sua tradição, como no âmbito das reformas anunciadas para o futuro próximo (Briesemeister, 2000, p. 354).

E, realmente, piorou. A reforma universitária vinha junto com significativos cortes de orçamento, prevendo a extinção de postos e áreas inteiras. Nas Humanidades, uma das primeiras áreas atingidas foi o português. Apesar das várias realizações da *Braslianística* – entre outras, a oferta de quatro a cinco cursos diferentes por semestre, a

⁷ As recentes reformas implicaram o fechamento de departamentos inteiros de português em toda a Alemanha. Em Berlim, a Universidade Humboldt encerrou mais radicalmente esses estudos. A Universidade Livre tem mais condições hoje de manter uma parte deles, mas o máximo que conseguiu foi fazê-los sobreviver como diploma complementar aos Bacharelados da Romanística, com um BA de estudos brasileiros e portugueses (valendo 60 pontos e não 90, como os outros), o que significa menos carga horária, menos disciplinas, menos professores: ou seja, uma formação mais superficial na área.

⁸ O Master do Instituto prevê um primeiro ano comum, com cinco módulos obrigatórios e alguns opcionais. Os básicos são: Constituição da América Latina; Conceitos e métodos da pesquisa sobre América Latina; América Latina no contexto global; Poder e diferença, além de um módulo para desenvolvimento de projetos. Num segundo ano, os alunos podem optar entre cinco áreas de concentração: Transformação e desenvolvimento; Literaturas nas dinâmicas culturais da América Latina; Antropologia cultural; Brasil no contexto global: literatura, cultura e sociedade; Relações de gênero, formas de vida, transformações. Esse master começou em outubro de 2005, quando os novos bacharelados já haviam começado e hoje já se evidencia em ambos a necessidade urgente de serem repensados e reformulados..

orientação de mestrados e doutorados, a organização de simpósios, ciclo de palestras e publicações, o estabelecimento e gerenciamento de convênios internacionais com outras instituições dedicadas à cultura e à língua brasileiras no Brasil e na Europa –, planejou-se e, em menos de cinco anos, decretou-se o seu desaparecimento no âmbito mais geral seja da Lusitanística, ao nível do BA,⁷ seja no âmbito dos Estudos Culturais Latino-Americanos, ao nível do Master.⁸

Ao nível do Bacharelado, a língua e a literatura brasileiras deslocaram-se para o departamento de Filologia Românica, como parte do BA de Estudos portugueses e brasileiros, enquanto a disciplina de Latino-americanística, da qual fazia parte a Brazilianística como uma subárea, passou para o mesmo departamento, mas estranhamente assimilada ao BA de Filologia Espanhola, o que significa, concretamente, a exclusão do Brasil da América Latina ou, então, a assimilação de uma língua de quase 200.000.000 de falantes, o português brasileiro, ao espanhol da América. Motivos? Ao que parece, mais econômicos que científicos.

Não apenas a literatura brasileira se vê ameaçada. Os “dilemas da institucionalização” ameaçam também a variante europeia da língua e os respectivos estudos literários e culturais específicos da lusitanística. Como também previu Briesemeister, “torna-se impossível conciliar as necessidades da diferenciação adequada com os critérios didáticos de aprendizagem e as relações histórico-culturais dos países do mundo lusófono” (2000, p. 350). Ele enunciou, em face disso, uma necessidade que estamos longe de preencher:

Sem dúvida, a especialização é absolutamente necessária, inevitável e urgente, não só para garantir, em nível institucional, a qualidade da pesquisa científica, mas também para ajustar a formação profissional dos jovens universitários às exigências de hoje (Briesemeister, 2000).

A restrição da oferta no ensino de português, na variante europeia e nas demais, entretanto, não foi acompanhada de uma diminuição da demanda, que continua a crescer, mas está sendo canalizada, coerentemente com a tradição de que nos falava Briesemeister, para cursos destinados aos interessados das áreas consideradas mais úteis, ligadas aos negócios ou às chamadas ciências sociais, não aos estudos de literatura e cultura ou aos estudos linguísticos, que eram contemplados normalmente no antigo currículo.

No caso do Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, há um paradoxo. Trata-se, como vimos, do instituto mais importante na Alemanha dedicado aos estudos sobre a América Latina, com uma tradição respeitável de estudos sobre o Brasil e que, recentemente, se propôs a criar um Centro de Pesquisas Brasileiras. Existindo desde meados da década de 1970, só em 1989, como vimos, esse Instituto conseguiu abrir um cargo de titular em literatura e cultura brasileiras, que quase dez anos depois, em 1997, após muitas idas e vindas, com tentativas de fechá-lo antes que começasse a funcionar e tendo funcionado dois anos com professores substitutos, veio a ser, finalmente, ocupado pela primeira colocada no concurso feito em 1990. E justamente agora, quando expressivos resultados do trabalho aí desenvolvido começam a aparecer,⁹ corta-se a sua continuidade, pela extinção do cargo após a aposentadoria da sua titular.

Uma tarefa da *Brasilianística*, que por si só a justifica, consiste em, indo além do seu próprio gueto, ajudar a superar tanto uma suposta autonomia absoluta dos estudos filológicos quanto o preconceito de muitos *brasilianistas* das ciências sociais, para os quais a literatura é vista ora como uma joia supérflua, “sorriso da sociedade”, como queria o escritor brasileiro Afrânio Peixoto no início do século XX, ora como seu equivalente ao contrário: puro documento.

Essa concepção ainda positivista da literatura e das artes embasa ou, pelo menos, justifica a criação de bacharelados disciplinares em que os estudos portugueses e

⁹ Veja-se a lista das publicações, eventos, cursos e projetos de pesquisa em nossa homepage: <<http://www.lai.fu-berlin.de/studium/disziplinen/brasilianistik/index.html>>.

¹⁰ A cada ano, a Associação dos Lusitanistas alemães faz um balanço do desmonte dos estudos de língua e literatura em língua portuguesa e constata que ele prossegue, embora uma avaliação menos pessimista não veja isso como desmonte, mas como concentração desses estudos em algumas universidades em detrimento de outras.

brasileiros têm menos pontos (60, contra 90 nos bacharelados principais)¹⁰ e menos tempo ou nos *Masters* interdisciplinares, em que a literatura e a cultura submergem nos chamados estudos de área, perdendo sua especificidade, o que implica a desconsideração total da questão estética, pelo predomínio da análise conteudística ou a abordagem das condições de produção ou de recepção dos textos, necessárias e esclarecedoras mas externas a eles e, portanto, incapazes de dar conta da sua complexidade como objeto feito de palavras que são ao mesmo tempo coletivas e individuais.

Em meio a tantas mudanças, o que tentamos, no nosso espaço cada vez mais restrito, foi resguardar o essencial, que é a capacidade de trabalhar intensivamente, com profundidade, textos que constituem nosso objeto de estudo, pois o que se ensina, neste caso, mais que uma série de informações sobre eles, é uma atitude analítica, um método para que cada um produza seu próprio método. Mais que quantidade de informação, o que importa aqui é a qualidade da formação, e esta não se faz sem um domínio da linguagem em que se expressa cada texto como produção simbólica. No caso da literatura, sem o domínio da língua e dos métodos de leitura desenvolvidos pelas teorias da literatura, pelo menos desde Aristóteles, o que não significa utilizá-los de modo acrítico ou extemporâneo, mas tampouco fazer *tabula rasa* do capital teórico e analítico aí acumulado.

Atualmente, começa-se a discutir as bases do nosso *Master* de Estudos Latino-Americanos que se quer interdisciplinar, mas não se sabe ainda muito bem o que fazer dos estudos da cultura quando esses ultrapassam as leituras meramente conteudísticas e passam a investigar o tratamento dado aos temas, bem como a historicidade das formas. De todo modo, aí se procura articular em torno de certos temas, considerados prioritários, as diferentes disciplinas – *Altamerikanistik* (Antropologia e Arqueologia do continente americano), *Lateinamerikanistik/Brasilianistik* (Literatura e Cultura Latinoamericanas),¹¹ História, Socio-

¹¹ Nesse conjunto, a partir do semestre de inverno de 2010, a *Brasilianística* voltou a fazer parte de uma só disciplina, servida por apenas um cargo de titular, que abrange toda a América Latina e o Caribe, como ocorria há quinze anos, o que configura necessariamente uma grande restrição, senão um lamentável retrocesso.

logia, Ciências Políticas e Economia. No caso da literatura, o que precisava ser compreendido, mas dificilmente o é, nesse diálogo das disciplinas, é que, quando ela aparece na sua complexidade, ao mesmo tempo como criação estética e como documento, pode dizer muito mais sobre a vida, principalmente se tratando do Brasil e da América Latina, onde, como reconheceu há muito Antonio Candido, tudo foi historicamente permeado pela literatura, “desde o formalismo jurídico até o senso humanitário”, chegando à “expressão dos sentimentos no âmbito familiar” (Candido, 1989, p. 180). Parece óbvio – mas nem sempre o óbvio é percebido como tal – que não é possível realizar um trabalho inter ou transdisciplinar sem respeitar os pressupostos epistemológicos e metodológicos próprios de cada disciplina.

Quem estuda literatura e cultura num país como o Brasil sabe que não é possível fazê-lo a não ser estabelecendo comparações. A teoria e crítica literárias aí já nasceram comparadas, mesmo que não quisesses sê-lo. E num país onde a literatura se forma sob a pressão e a certeza de que se está gestando com ela também a nação, não é possível estudá-la sem relacioná-la intimamente com a História, com a Sociologia, com a Política, com a Economia, com a Antropologia. Mas é verdade que isso se fez muitas vezes de modo implícito. O desafio, agora, é o de explicitar a comparação imanente, o que implica a busca de padrões e categorias que permitem tratar adequadamente semelhanças e diferenças. Ao mesmo tempo, trata-se de um desafio que é o desafio de todo trabalho interdisciplinar. Como devem ser abordados os objetos literários a partir da perspectiva dos estudos propriamente literários, a fim de que esse diálogo realmente seja um diálogo e não a submissão ou a diluição destes perante uma hegemonia das ciências sociais?

Seja como for, é preciso reconhecer que, em Berlim, tivemos até quase o final de 2010 uma situação que se pode considerar de excelência na área dos estudos brasileiros, incluindo a literatura e cultura. Essa excelência deriva de

que, além de contarmos com uma professora para essa cátedra, contávamos também com um leitor extremamente competente tanto no ensino da língua brasileira quanto na tradução, crítica, teoria e história literárias, sem falar nos encarregados de cursos que ajudaram a ampliar e diversificar a oferta de cursos desde o início. Essa excelência precisa ser defendida e potencializada, o que foi previsto no processo de criação do Centro de Pesquisas Brasileiras acima referido, mas isso parece difícil de ser conseguido, caso não se venha a compensar de forma consistente a perda da *Brasilianística*.

A situação negativa que os estudos de literatura brasileira, no contexto dos estudos de português em geral, vêm enfrentando nos últimos anos, resumida ao longo deste texto, provocou periodicamente balanços extremamente negativos, dentro e fora da Alemanha. Eu mesma, com base no texto citado de Briesemeister, mas também num estudo de Walnice Nogueira Galvão e em informações divulgadas nos encontros bienais da Associação de Lusitanistas Alemães, reforcei esse tom pessimista em outras publicações, o que chegou a ser lido como nostalgia, mas que na verdade era realismo. Hoje em dia a situação começa a mudar, graças à organização da comunidade científica dos Lusitanistas e Brasilianistas, mas também graças à importância reconhecida do Brasil para as relações internacionais da Alemanha. Aqui e acolá há sinais de resistência que nos impedem de desanimar, como foi o caso do movimento iniciado pelos estudantes da Universidade de Jena, sob o mote de “Wir wollen Portugiesisch” (Nós queremos português). Pelo lado brasileiro, se antes havia pouco incentivo, hoje se financiam novos leitorados para compensar algumas perdas ou se estabelecem convênios que permitem preservar sobretudo os cursos de língua que sobreviveram nos novos currículos. Quanto à variante europeia do português, o Instituto Camões, cujo apoio aos leitorados parecia ter-se enfraquecido, volta a se fazer presente, financiando pelo menos parcialmente alguns leitorados, como ocorre atualmente na Universidade

Livre de Berlim e na Universidade Humboldt. Isso tudo leva a juntar forças, num esforço de cooperar para vencer a tendência a concorrer e dividir. Assim, no Bacharelado de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade Livre de Berlin, em que o português europeu é central, as outras variantes da língua são, desde o início, objeto de estudos comparativos. No que diz respeito à variante brasileira, com ajuda da Embaixada Brasileira, estamos fazendo um trabalho desde 2007 no sentido de conceber cursos de cultura brasileira para além dos tradicionais e panorâmicos cursos de civilização, produzindo e compilando tanto um material básico para iniciantes, que vai de mapas a dados numéricos e históricos, quanto outros mais complexos, tais como textos de e sobre literatura e cultura, entre eles os que tratam das manifestações culturais afro-brasileiras ou dos povos indígenas. Também uma antologia de textos curtos e atuais, de diferentes gêneros, em português brasileiro, vem sendo preparada e sistematicamente atualizada, como instrumento ágil para proporcionar aos estudantes de português, desde o início da sua formação no bacharelado, a experiência da variante brasileira. Assim, a partir dessa base, eles terão oportunidade de desenvolver um conhecimento mais profundo e uma prática linguística mais ativa nos módulos mais avançados, em que se trabalha mais diretamente com o português do Brasil.

Uma produção de material didático de caráter contrastivo do português brasileiro com o português de Portugal e de Angola, para ser usado no sistema do *e-Learning*, é elemento de apoio básico nesse ensino. Dessa forma, os diferentes registros da língua portuguesa e suas variantes regionais e nacionais passam a ser considerados riqueza comum e não instrumentos para reafirmar hierarquias e justificar discriminações. No caso do *Master* de Estudos Latino-Americanos, também estamos produzindo um material contrastivo, desta vez com o espanhol, já que a maior parte dos estudantes tem conhecimento dessa língua.¹²

Se pelo lado do ensino da língua esses são o panorama e o desafio atuais, pelo lado da literatura talvez o desafio

¹² Esse trabalho, que foi iniciado e prossegue no âmbito de um convênio com o Brasil, coordenado por Ligia Chiappini e mediado pela Embaixada Brasileira, vem sendo desenvolvido pelas Dras. Zinka Ziebell e Rosa Henckel.

seja maior. Pois se já poucos reconhecem a importância de estudar a língua portuguesa e suas variantes para a comunicação e outros usos meramente instrumentais, menos ainda se valoriza o conhecimento da língua como matéria e forma da e na literatura, porque esta também só interessa, como vimos, como documento ou como mercadoria, no caso do *best-seller*. A literatura mais exigente, que implica um grau mais alto de elaboração linguística, é simplesmente demonizada ou ignorada, porque julgada elitista, branca, ocidental. Desconsidera-se aí aquilo que Antonio Candido definiu como contraveneno, que a boa literatura carrega junto com as suas dimensões ideológicas conservadoras.

No Instituto Latino-Americano tivemos por quase 30 anos um cargo pleno de leitor para Português Brasileiro e, por quase 15 anos, simultânea e pioneiramente, um posto de Professor para Literatura Brasileira, pois a Universidade e pareceristas externos a ela reconheceram a autonomia e a dimensão desta para comportar uma abordagem específica. Mesmo assim, ainda não conseguimos despertar o interesse de colegas e estudantes de outros departamentos da mesma universidade, que trabalham com clássicos da chamada literatura universal. E, do ponto de vista editorial, o quadro tampouco é positivo. Um exemplo disso é o caso de Guimarães Rosa. Considerado muito difícil e tendo suas traduções em alemão esgotadas, dificilmente consegue ser republicado. O ano do seu jubileu, 2008, coincidiu com um debate sobre a literatura brasileira como um mau negócio.¹³ Constatava-se aí que a literatura de qualidade estaria perdendo terreno para a literatura meramente comercial e para uma espécie de novo exotismo, expresso na representação espetacular do brutalismo nas favelas, que já em 1998 Ray Güde-Martin tematizava no trecho aqui escolhido como epígrafe.

Mas, assim como Briesemeister, apesar do balanço negativo, termina seu texto de modo otimista, citando o crescente interesse de um certo público e a presença maior dos escritores cineastas e artistas brasileiros em encontros,

¹³ Alusão a um debate realizado no Instituto Iberoamericano de Berlim em parceria com o Instituto Goethe de São Paulo, em março de 2008.

recitais, colóquios, semanas culturais dedicadas ao Brasil, bem como a atuação de colegas que ensinam, estudam, traduzem e comentam o melhor da literatura brasileira, além das associações que ajudam a manter a vitalidade do setor, podemos ainda, mais de dez anos depois, acreditar, apesar de todas as lacunas e retrocessos, que a indiferença pela Literatura do Brasil e o seu desconhecimento podem ser superados na Alemanha. Infelizmente, muito do diagnóstico de Briesemeister ainda vale para o presente e a maioria dos brasilianistas alemães ainda “leva uma existência profissional acadêmica, em certo modo esquizofrênica, rivalizante e paradoxal.” (Briesemeister, 2000, p. 354), mas continuamos apostando que o trabalho desenvolvido no espaço conquistado para a literatura brasileira no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim poderá ajudar a superar essa esquizofrenia, pelo reconhecimento das lacunas e a invenção de novos mecanismos que ajudem a preservar e a desenvolver o que já foi realizado.

Referências

- BRIESEMEISTER, Dietrich. Os estudos brasileiros na Alemanha. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold (Orgs.). *Brasil, país do passado?* São Paulo: Boitempo, 2000. p. 349-357.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHIAPPINI, Ligia. Literatura e cultura no contexto dos estudos brasileiros na Alemanha: a cátedra de Brasilianística. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 52, p. 251-263, 2005.